

## **TERRITORIALIDADES FEMININAS NOS TERRITÓRIOS CERRADEIROS**

Maria Aparecida de **SOUZA**

Docente do Curso de Licenciatura em Geografia; doutoranda em Ciências Ambientais - Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus de Cáceres-MT

E-mail: mariamia.souza8@gmail.com

Edevaldo Aparecido **SOUZA**

Doutor em Geografia. Docente efetivo do Curso de Geografia – UEG/Campus Quirinópolis e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Geografia – PPGGEO/UNEMAT.

E-mail: edieueg@gmail.com

**RESUMO:** A proposta do artigo envolve a compreensão acerca das territorialidades femininas camponesas do Cerrado, cujos conceitos e abordagens sobre território e territorialidade estarão presentes. O objetivo compreende a análise das territorialidades femininas nos espaços do Cerrado, apresentando as resistências e o legado das experiências vivenciadas cultural e ambientalmente. O método atribuído ao debate é o dialético e a metodologia utilizada foi a de revisão de literaturas com análise qualitativa das discussões acerca do processo de ocupação socioespacial do Cerrado, dos conceitos sobre território e territorialidades e do legado resguardado pelos saberes femininos nos campos cerradeiros. Como resultados parciais é possível evidenciar que coexiste um elo entre o feminino e a ecologia, na qual, as mulheres carregam em suas identidades os campos cerradeiros e abrigam vivências e cuidados com os valores construídos em seus territórios. Deixam marcas, ora perdidas, ora guardadas nas memórias para serem resgatadas em momentos oportunos. Da invisibilidade imposta às competências femininas ao suporte do abrigo germinante dos vários modos de resistência, desabrocharam como energias pulsantes para a construção das identidades e territorialidades como formas no pensar e no agir, dentro do processo de lutas e permanência em terras camponesas.

**Palavras-chave:** Feminino. Territorialidades. Cultura. Cerrado.

## **FEMALE TERRITORIALITIES IN THE BRAZILIAN CERRADO TERRITORIES**

**ABSTRACT:** The proposal of this paper involves the understanding of female peasant territorialities in the Brazilian Cerrado, whose concepts and approaches tackle territory and territoriality. Our purpose is to analyze female territorialities in the Cerrado spaces, showing resistance and heritage of cultural and environmental experiences. The debate was based on the dialectic method and the methodology used was literature review with qualitative analysis related to discussions about the social and spatial occupation processes in the Cerrado, concepts regarding territory and territorialities and heritage maintained by female knowledge in the Cerrado fields. Our preliminary results indicate that there is a link between femininity and ecology, in which women carry the Cerrado fields in their identities and harbor experiences and care when it comes to values built in their territories. There are marks, lost and kept in memory to be retrieved in appropriate times. From the invisibility imposed by female competence to the support of thriving shelter of several resistance modes, they bloom as vibrant power for the construction of identities and territorialities as ways of thinking and behaving, in the process of struggles and permanence in peasant lands.

**Keywords:** Feminine. Territorialities. Culture. Cerrado.

## **TERRITORIALITÉS FEMELLE DANS LES TERRITOIRES DU CERRADO BRÉSILIEN**

**RÉSUMÉ:** Le but de cet article implique une compréhension des territoires Cerrado et des territorialité, dont les concepts et les approches concernant le territoire et la territorialité seront présents. L'objectif est d'analyser les territorialités féminines dans les espaces du Cerrado, en présentant les résistances et l'héritage d'expériences vécues aux niveaux culturel et environnemental. La méthode attribuée au débat est dialectique et la méthodologie utilisée a été la revue de la littérature avec analyse qualitative des discussions sur le processus d'occupation socio-spatiale du Cerrado, les concepts de territoire et de territorialité et le patrimoine sauvegardés par la connaissance des champs du Cerrado. Comme résultats partiels, il est possible de montrer qu'il existe un lien entre le féminin et l'écologie, dans lequel les femmes portent dans leur identité les champs du Cerrado, protègent les expériences et tiennent compte des valeurs bâties sur leurs territoires. Ils laissent des traces, parfois perdues, parfois protégées dans des mémoires pour être récupérées aux moments opportuns. De l'invisibilité imposée aux capacités des femmes pour soutenir l'émergence de différents modes de résistance, elles sont devenues des énergies pulsantes pour la construction des identités et des territorialités en tant que modes de pensée et d'action dans le processus de lutte et de permanence dans les terres paysannes.

**Mots clés:** femme. Les territorialités. La culture. Cerrado.

## INTRODUÇÃO

A abordagem sobre as territorialidades femininas nos territórios do Cerrado, lançará mão do resgate histórico da luta pela terra, das resistências e permanência nela, elucidando que há um confronto ao poder hegemônico no campo e não uma adaptação às transformações impostas a partir do controle do agronegócio e políticas multilaterais efetivadas.

A temática do artigo seguirá pelas relações estabelecidas nos modos de vida dos povos do Cerrado com forte protagonismo feminino, na qual, a interpretação correlacionada ao conceito de territorialidade será permeada pelos traços dos saberes e fazeres femininos a partir das suas lidas, crenças e valores nos ambientes do Cerrado.

O desenvolvimento da abordagem valeu-se de releituras bibliográficas que discutem o território e a territorialidade e as identidades camponesas cerradeiras. As evidências nos territórios cerradeiros, das produções socioeconômicas e políticas, culturais e ambientais possuem marcas femininas, que muitas vezes foram esquecidas ou omitidas pela ordem estabelecida na sociedade patriarcal. O desprezo neste sentido implica em invisibilidade aos contributos femininos impondo julgamentos convertidos em vulnerabilidades, legitimando assim a sujeição que lhes foi imposta.

Ainda que historicamente negligenciadas, em um processo desencadeado por mudanças excludentes sob o domínio de uma sociedade que tolera e cultua estratégias globais políticas e econômicas, as mulheres resistiram e resistem juntamente com suas comunidades nos campos do Cerrado, mantendo suas culturas e costumes próprios de conviver com a natureza e de tratar a terra. O modo de vida reflete a estreita relação com o ambiente cerradeiro reveladas nas rotinas, nas lidas cotidianas que são manifestadas pelas territorialidades construídas em convivência com o bioma.

O objetivo do texto consiste na análise das territorialidades femininas construídas nos espaços cerradeiros, apresentando as resistências e persistências na proteção da cultura e do meio ambiente cerradeiro.

O texto está estruturado em quatro subseções. A primeira é a apresentação da metodologia e método utilizados na pesquisa; a segunda discute o Cerrado como território marcado por territorialização e territorialidades, apresentando-o também como Bioma; a terceira debate essas territorialidades no Cerrado enquanto experiências camponesas e a defesa do seu território; na quarta o conteúdo de discussão é o protagonismo das mulheres camponesas nesse espaço e território cerradeiro.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada foi a qualitativa com análises dos processos de ocupação socioespacial e das territorializações construídas no Cerrado. Elegeu-se o método dialético por entender que este contribuiria na compreensão das contradições e diferentes pontos de vista postos no espaço agrário, no qual alcançam as comunidades camponesas e as mulheres.

A metodologia aplicada na elaboração deste texto iniciou-se com revisão de literaturas para embasamento das abordagens conceituais sobre territorialidade e modos de vida camponesa, cujos autores contribuintes no desenvolvimento da compreensão do conceito de territorialidade foram Haesbaert (2007), Saquet (2007), Raffestin (1993), Little (2004) e Almeida (2008).

Na compreensão dos processos da ocupação socioespacial do Cerrado, e estabelecimento dos seus povos, bem como na elaboração da caracterização do Cerrado, foram utilizados os suportes teóricos de autores como: Oliveira (2007), Ab'Sáber (2003), Klink e Machado (2005), Chaveiro e Castilho (2007), Mendonça (2010), e ainda com órgãos e institutos governamentais na verificação da atual situação do uso e ocupação do Cerrado.

A análise teve caráter qualitativo visando obter através das literaturas a compreensão das vivências socioculturais, bem como as resistências femininas experiência das na vivência dos espaços cerradeiros.

Segundo Martins e Bicudo (1994), a pesquisa qualitativa busca uma compreensão particularizada dos processos estudados, se eximindo de regras, generalizações, princípios e leis presentes nas investigações e rigores científicos. Considerando as contribuições de Galeffi (2009), ele enfatiza que para compreender os aspectos qualitativos dos eventos, há a necessidade da compreensão das percepções de experiências vividas e de seus significados.

A elucidação dos processos em que ocorrem a reprodução cultural inseridas nas resistências e no legado cultivado pelas mulheres cerradeiras, necessitam de metodologias coerentes na captura das complexidades que envolvem os processos vividos e presentes no cotidiano, nos lugares, nas práticas e nos saberes por elas conservado.

As metodologias neste sentido, devem apreender diálogos entre a epistemologia científica e os saberes culturais/tradicionais, a fim de desenvolver uma articulação entre as interpretações e a compreensão dos fenômenos.

## O CERRADO: UM TERRITÓRIO MARCADO POR TERRITORIALIZAÇÃO E TERRITORIALIDADES

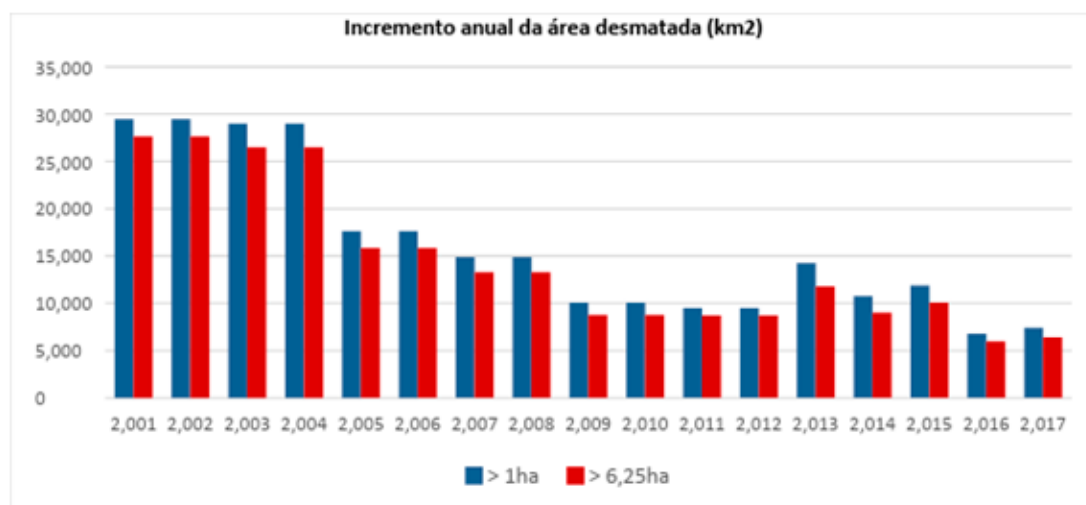
Dados apresentados por órgãos governamentais apontam para a degradação contínua das áreas do Cerrado com perda da sua biodiversidade e extermínio irreparável de espécies específicas do bioma. Em nome do desenvolvimento do capital agrário neste território brasileiro, gerou a escalada de desmatamento para a pecuária e o cultivo de grãos em um sistema de *commodities* com a conseqüente expulsão das comunidades pertencentes a ele.

As narrativas da supressão da vegetação cerradeira e da exclusão da sua gente, combinam uma simbiose de sofrimentos e resistências ao longo dos séculos passados, até os dias atuais.

De acordo com o levantamento realizado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE (BRASIL, 2018), os territórios do Cerrado tem sido castigados por um processo sucessivo de supressão de sua vegetação nativa, como pode ser observado no gráfico a seguir (Figura 1).

Conforme o mapeamento elaborado pelo INPE (BRASIL, 2018), os dados apresentados por Unidades da Federação, a partir de duas medidas de áreas, “> 1ha e > 6,25ha”, as informações sobre os Estados que se destacaram no desmatamento do Cerrado entre os anos de 2001 a 2017 foram: Piauí, como o único Estado que em 2017 ultrapassou o desmatamento de 2001, com registro de 483km<sup>2</sup> (2001) e 591km<sup>2</sup> (2017) em áreas maiores que 1ha; e de 421km<sup>2</sup> em 2001 para 543km<sup>2</sup> em 2017 nas áreas acima de 6,25ha.

Figura 1 – Desmatamento do Cerrado de 2001 a 2017



Fonte: INPE (BRASIL, 2018)

Goiás também se sobressaiu como a Unidade Federativa com a maior área desmatada apresentando, para áreas acima de 1ha, em 2001 de 6612km<sup>2</sup> e 6176km<sup>2</sup> em áreas maiores que 6,25ha. Em 2017, Goiás desmatou 838km<sup>2</sup> para áreas acima de 1ha e 697km<sup>2</sup> para áreas maiores que 6,25ha.

Tocantins também ficou no ápice do desmatamento neste período, com 2909km<sup>2</sup> em 2001 e 1686km<sup>2</sup> em 2017 para áreas superiores a 1km<sup>2</sup> e 2729km<sup>2</sup> em 2001 e 1496km<sup>2</sup> em 2017 para áreas superiores aos 6,25ha.

Deslocando o cenário do desmatamento, para as características do Bioma numa breve exposição, os órgãos federativos como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE e Ministério do Meio Ambiente – MMA, identificaram o Cerrado como a segunda maior área de formação vegetal do Brasil, compreendendo uma extensão de 2.036.448 quilômetros quadrados, aproximadamente, 22% do território brasileiro.

De acordo com o MMA (2019), o bioma Cerrado está presente nos estados de Mato Grosso, correspondendo a 39% de sua área, no Mato Grosso do Sul e em Tocantins com 61% de sua área, em Goiás 97%, na Bahia 27%, no Maranhão 65%, em Minas Gerais 57%, no Piauí 37%, em Rondônia 1%, no Paraná 2%, em São Paulo 32% e no Distrito Federal 100%.

Para Ab'Sáber (2003), além dos domínios do Cerrado existe uma área de contato do bioma com todos os outros biomas brasileiros denominado por ele de "faixa de transição", na qual ocorrem o contato e a transição com a Mata Atlântica, a Floresta Amazônica, os Pampas, a Caatinga e o Complexo do Pantanal. Este contato se assemelha a uma faixa de adaptação entre as espécies que fazem parte dos diferentes biomas.

A região do Cerrado corresponde, segundo Ab'Sáber (2003), ao principal divisor de águas do País, resguardando as nascentes de importantes Bacias Hidrográficas como Tocantins-Araguaia, São Francisco, e Paraná e importantes afluentes da bacia Amazônica como o Rio Xingu, Tapajós, Madeira entre outros igualmente expressivos.

A vegetação apresenta-se mesclada entre os campos limpos, campos sujos, cerrados, cerradões, mata de galeria, mata ciliar e veredas e se caracteriza pelo desenvolvimento de raízes longas que capacitam as espécies nativas na busca por água em profundos lençóis freáticos no período de estiagem. Na figura 2, exemplos de vegetação do Cerrado.

Figura 2 – *Hancornia speciosa*, Apocynaceae- Mangaba;  
*Calliandra dysantha*, Fabaceae, Flor-do-cerrado.



Fonte: MMA/IBAMA 2011.

[...] o bioma é subdividido em quatro subgrupos de formação: Savana Florestada (Sd), Savana Arborizada (Sa), Savana Parque (Sp) e Savana Gramíneo-lenhosa (Sg). Comparativamente ao sistema de classificação proposto por Ribeiro & Walter (2008), a Savana Arborizada corresponde ao tipo fitofisionômico denominado “cerrado sentido restrito” e, em especial, aos subtipos “cerrado denso” e “cerrado típico”. Nos terrenos bem drenados, a Savana Parque equivale aos subtipos definidos como “cerrado ralo”, “cerrado rupestre” e, às vezes, como “campo sujo” e “campo rupestre”. Nos terrenos mal drenados, a equivalência se dá com o “parque de cerrado” e, eventualmente, como “vereda”, “campo sujo úmido” e “campo sujo com murundus” (BRASIL, 2010. p. 7).

O Cerrado acomoda uma rica biodiversidade, porém, pelo descaso histórico sócio-econômico-político e científico, aliado a um conjunto de fatores degradantes do sistema, muitas espécies da flora e fauna se perderam. Estudos realizados apontam que espécies que habitaram o Cerrado já desapareceram antes mesmo de serem catalogados, e outras estão nos limites da extinção pelo descaso.

Apesar da elevada biodiversidade e de sua importância ecológica, várias espécies do Cerrado encontram-se na “Lista das Espécies da Flora Brasileira Ameaçadas de Extinção” (IN MMA nº 6/2008). Das 472 listadas, 132 estão presentes no bioma. Por essas razões, principalmente pela alta biodiversidade, é considerado como um

dos biomas mais ricos, mas também um dos mais ameaçados do mundo. No âmbito mundial, a Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), assinada em 1992, reforçou a necessidade de conservar a biodiversidade, cujo maior desafio é conciliar o desenvolvimento econômico com a conservação e a utilização sustentável dos recursos biológicos (BRASIL, 2010. p. 7).

De acordo com Chaveiro e Castilho (2007, p. 2), o Cerrado enquanto patrimônio existia (e ainda existe) integralizado com a vida, que “participam as classes de vegetação, as bacias hidrográficas, o relevo, o solo, o seu espaço, a sua cultura, os seus símbolos, a sua gente, a sua arte, os diferentes modos de vida que aqui se constituiu”. É possível compreendê-lo como um enorme organismo com funções, formas, conteúdos que se processam na dialética da vida.

As transformações em trânsito nas regiões do Cerrado necessitam de estudos e pesquisas para a compreensão dos fenômenos atuais instaurados, e no conjunto dos processos, possíveis previsões futuras. De acordo com Mendonça (2010, p. 192), as mudanças nos territórios cerradeiros “[...] conforma novas paisagens, cada vez mais excludentes [...] os territórios cerradeiros têm sido transformados em nome do progresso técnico e científico, implicando numa nova matriz espacial”.

As transformações ocorridas no Cerrado também trouxeram grandes danos ambientais – fragmentação de habitats, extinção da biodiversidade, invasão de espécies exóticas, erosão dos solos, poluição de aquíferos, degradação de ecossistemas, alterações nos regimes de queimadas, desequilíbrios no ciclo do carbono e possivelmente modificações climáticas regionais (KLINK; MACHADO, 2005, p. 148).

No palco internacional, o Cerrado ouviu um apelo para o cuidado e valorização da sua biodiversidade, pois ele foi reconhecido como *hotspots* da biodiversidade planetária no início dos anos 2000, pela organização não governamental Conservation International (CI). O bioma foi identificado como uma das regiões mais ricas em biodiversidade, mas infelizmente também como uma das mais ameaçadas do Planeta.

Pela sua extensão territorial e riquezas naturais em degradação, neste processo impiedoso também estão inseridas a perda das pluralidades culturais dos seus povos. Assiste-se desta forma, ao esgotamento acelerado dos atributos cerradeiros, a partir das mudanças nas concepções e importância econômica destes territórios, desencadeando assim, uma corrida



para a nova fronteiras agrícola, transformando-a de área secundária, para a promissora expansão das monoculturas de exportação.

A ascensão da valorização e reconhecimento político-econômico do Cerrado, trouxe juntamente com outros intentos, o conseqüente e contínuo aumento da supressão da vegetação nativa, e expulsão do modo de vida camponesa, substituída pela “incontestável” importância da agropecuária para a economia brasileira.

## **TERRITORIALIDADES CERRADEIRAS, TERRITORIALIDADES CAMPONESAS**

O processo da degradação do Cerrado e da expulsão dos seus povos estão fortemente relacionados à forma como o bioma foi considerado no tempo e no espaço, como um ecossistema "desajeitado", apresentando uma vegetação “feia e monótona” em suas paisagens, levando, por décadas, a práticas de descuidos e agressões aos seus ecossistemas. Essa propagação se intensificou a partir das possibilidades do uso do solo alicerçado na correção e utilização de insumos agrícolas visando a produção de monoculturas para a geração do capital (MENDONÇA, 2004).

A sofrida experiência vivida pelo Cerrado e seus povos envolvem processos políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais, cuja dinâmica pode ser compreendida através dos conceitos de território, territorialização e territorialidades.

Entre os autores que discutem território e territorialidade, Raffestin (1993) destaca o território como resultado da ação dos atores que territorializam determinado espaço. Portanto, o território e as ações nele empregadas indicam processos construtivos de poder, na qual o autor esclarece que o território é o resultado da ação no espaço territorializado.

A territorialidade, de acordo com o autor, refere-se a individualidades territoriais e aspectos diferenciados de experiências de vida, projetadas no território, a partir das apropriações que se manifestam no espaço. Desta forma, para a compreensão da territorialidade, é necessário que o território seja apreendido em todas as relações coletivas e processos dos sistemas sociais.

De acordo com a nossa perspectiva, a territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do "vívido" territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens "vivem", ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. Quer se trate de relações existenciais ou produtivistas, todas são relações de poder, visto que há interação

entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais (RAFFESTIN, 1993, p. 158-159)

É a partir das interações entre os sujeitos e o território que se institui as territorialidades e as relações de poder. Haesbaert (2004), diferencia a apropriação e a dominação do território, em que a primeira está relacionada às questões políticas e econômicas dos sistemas sociais e a segunda às questões subjetivas e simbólicas das relações com o território, ou seja, possui um caráter cultural, de construções de identidades e de pertencimento ao território como espaço vivido.

Raffestin (1993), destaca que tanto a relação de dominação como a de apropriação estão associadas às relações de poder. Colaborando para o entendimento associado aos conceitos, Hasbaert (2004, p. 20), explica: “Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional ‘poder político’. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação.”

As relações de poder presentes nos territórios podem ter diversas origens e variadas feições, determinadas de acordo com os objetivos almejados. Poder enquanto funcional, no caso do Estado, poder enquanto grupos de controles territoriais delimitadas, ambas com ações que manifestam territorialidades, inserindo hierarquias e seleções seja na sociedade submetida às políticas formais, seja em grupos econômicos corporativos ou ainda em pequenos grupos ou comunidades (SAQUET; BRISKIEVICZ 2009).

Para Little (2004), estas construções de territorialidades estão vinculadas a processos históricos, porque interfere nas relações e nas construções do território, marcadamente cunhado por sistemas sociais e políticos ao longo dos tempos. Para o autor, territorialidade “[...] tem como ponto de partida uma abordagem que considera a conduta territorial como parte integral de todos os grupos humanos [...]” (LITTLE, 2004, p. 253).

Neste texto, as discussões de territorialidade será direcionada para a de apropriação simbólica, cujo enredo se constitui nas construções culturais e de identidades das comunidades rurais pertencentes aos espaços cerradeiros. Neste viés, Little (2004), destaca que a noção de territorialidade possui pluralidades que ampliam as discussões das variedades de territórios existentes, com suas singularidades socioculturais. Ele chama a atenção para as considerações que implicam os saberes e as identidades “coletivamente criados e historicamente situados” (p. 254).

Do mesmo modo em 2005, Haesbaert realiza uma investigação conceitual importante sobre territorialidade, destacando as dimensões na qual implicam proporções simbólicas e

identitárias no espaço vivido, na qual essas dimensões também se apresentam complexas, pois sugerem múltiplas manifestações das relações dos sujeitos com o território envolvidos nas organizações e significações no espaço-lugar, que liga o sujeito ao seu território. Saquet (2007), colabora na compreensão das relações construídas pelos sujeitos com o território, trazendo a relevância da edificação histórica e as múltiplas das territorialidades, em diferentes escalas materiais e imateriais.

Estas variadas formas de interpretar o território e as territorialidades demandam conceitos e teorias que buscam interpretações do cotidiano e das vivências criadas e transmitidas pelos povos e sua maneira de viver, de se relacionar com o espaço e de expressar suas experiências sócio comunitárias.

Assim, o termo territorialidade sugere, nesta perspectiva, uma compreensão das dimensões abrangentes nos processos culturais, na qual, sua abordagem demanda visões e interpretações diferentes, e cada estudo procura acercar-se o mais próximo possível da representatividade que o conceito sugere.

Diante das elucidações arroladas, compreende-se que a construção social do território se apresenta, além dos traços políticos e econômicos, repletos de símbolos, imagens e outras expressões culturais que são valores imateriais, mas que se materializam nas identidades, incorporadas aos processos cotidianos, consolidando assim o sentido de território.

Nas concepções dos processos desenvolvidos em um território, o foco pode ocorrer nas dimensões de espaço e poder, mas também ser direcionado aos aspectos culturais e simbólicos, que se misturam aos costumes de um determinado local, desvendando as construções identitárias e o sentimento de pertencimento dos sujeitos com o lugar.

Neste seguimento há dimensões simbólicas e místicas nas relações dos sujeitos com a natureza. Colaborando com este ensejo, Almeida (2008), destaca a importância da compreensão sobre o sentido que os sujeitos dão ao território vivido, para a possibilidade da apreensão dos sentidos e pertencimento elaboradas nas manifestações produzidas nos lugares.

As identidades construídas no Cerrado são repletas de costumes, saberes tradicionais e vínculos dos sujeitos com a natureza, como um cenário em que os territórios cerradeiros se transformam no lugar de pertencimento e de apropriação. São territorialidades construídas, identidades adquiridas e diversidades patrimoniais inegáveis tanto pelas extensões territoriais como pela relevância singular representadas.

As interações de convivência entre povos e natureza no território do Cerrado é um patrimônio testemunhado por gerações mas ameaçado pelas geopolíticas de desenvolvimento, como aponta Mendonça.

A territorialização do agronegócio, principalmente da soja, foi alarmante: são quase 23 milhões de hectares (em 2009, segundo estimativa do IBGE o Brasil plantou 22.914 mil hectares) cultivados e a implementação dessas monoculturas, principalmente nas áreas de Cerrado alterou, sobremaneira, as paisagens cerradeiras (MENDONÇA, 2010. p. 191).

Alterados os cenários sociais, ambientais e culturais, o lugar da vida se desfaz em nome de um desenvolvimento que exclui e que assola o que possa significar obstáculos para o seu avanço. A disputa pelo Cerrado apresenta interesses e lógicas antagônicas e se revela como consequência da forma como esse espaço local se insere no mundo global.

Estudos contemporâneos procuram resgatar as características dos povos do Cerrado, como protagonistas na valorização das riquezas naturais negligenciadas e perdidas pelo aniquilamento da cultura destes povos.

Sendo assim, busca-se a compreensão das territorialidades camponesas das regiões do Cerrado em suas vivências, nos modos de vida e também nas resistências pela permanência na terra. De acordo com Souza (2015) as comunidades camponesas nos sertões cerradeiros demonstram nas práticas sociais, os vínculos territoriais estabelecidos no tempo e no espaço através de experiências familiares e comunitárias constituídas pelas crenças, políticas, festas e costumes nas atividades rotineiras e produtivas.

Este estudo busca avançar para além das linhas de pesquisas marcadas pela sociedade patriarcal, pela predominância na participação dos sujeitos masculinos relacionado às considerações sobre o sistema de vida camponesa. Em tais abordagens, determinam e elegem um papel secundário à participação e opiniões femininas sobre as experiências vividas nos sertões cerradeiros.

## **O PROTAGONISMO DA MULHER CAMPONESA NO TERRITÓRIO CERRADEIRO**

O papel da mulher cerradeira nas formas de resistir ao aniquilamento do ambiente sociocultural e ambiental do bioma Cerrado, está relacionado aos costumes, atividades econômicas, relações sociais, construções de convivência e resistências frente às rupturas ocorridas com as transformações de produção do seu espaço territorial.

Nessa perspectiva, o resgate das memórias e vivências nos campos cerradeiros, sinalizam um inegável destaque para as territorialidades femininas que revelam a

possibilidade em agregar as propriedades culturais mantidas nos afazeres e nos conhecimentos, o modo do ser e do viver que conviveram e convivem com o Cerrado.

A mulher camponesa ressalta o elo existente entre o feminino e a ecologia, cujas experiências são vividas por ambas. Desta forma, escrevem a sua história no tempo e no espaço e carregam em suas identidades os campos sertanejos, abrigando vivências e cuidados com os valores construídos nestes territórios.

A presença feminina nos espaços do Cerrado deixaram marcas que por vezes foram perdidas e outras vezes guardadas nas memórias e reveladas através de seus saberes nas práticas e símbolos. Talvez as marcas perdidas possam estar correlacionadas à omissão da sua história e aos valores ocultados pela sociedade patriarcal, que nas palavras de Menezes e Gaspareto (2013. p. 315), “Por muito tempo, a dominação de gênero vem tratando a mulher como inferior e desprovida de autonomia, invisibilizando seu trabalho e suas potencialidades”.

No entanto, nas resistências históricas do campesinato, o verdadeiro valor do sujeito feminino tem proporcionado mudanças nas formas de pensar e no agir dentro do processo de lutas e permanência na terra.

O resgate histórico da luta das mulheres nessas décadas remete ao entendimento dos limites da política e da possibilidade de invenção de novos campos políticos. Questionando programações ideológicas e políticas, as mulheres geram um novo fazer político e novos lugares de mulheres na luta camponesa, na qual expressam sua ação protagonista frente às transformações pelas quais passa a sociedade camponesa (ESMERALDO, 2013.p. 254).

A invisibilidade dada às competências femininas, se transformaram em ideologias das fragilidades e da sujeição culturalmente imposta. No entanto, a ideia de vulnerabilidade estimulada pelo patriarcalismo social atuou como suporte ao abrigo germinante dos vários modos de resistência que no ser feminino desabrocharam como energias para a construção das identidades e territorialidades nos campos cerradeiros.

De forma singela, os modos de vida nos afazeres, nos símbolos e memórias refletem as territorialidades engendradas pelas mulheres nestes ambientes, através do cotidiano vivido com as belezas singulares e riquezas preservadas, mas também com os enfrentamentos e dificuldades sofridas. Nestas manifestações de coexistência com o bioma, as camponesas e seus familiares, na sua teimosia de crer nas possibilidades, ainda insistem em viver em seus campos.

Nas identidades cerradeiras, a figura feminina se destaca, muito embora negligenciada, sua presença insurge como protagonista no exercício das resistências, da cultura e da luta pela terra e pela permanência nela. De acordo com Franco García (2004, p. 76), nos espaços de luta pela terra, é notável a “[...] criação de identidades coletivas e laços de solidariedade [...] que o papel da mulher como sujeito de resistência e “companheira de luta” é valorizado [...].

Seu olhar cuidadoso, sua sabedoria sutil detém as tradições do campo rural transmitida através das repetições, simbologias e cotidiano do viver sertanejo que mesmo pouco compreendidas podem assegurar a força das resistências.

As heranças guardadas no tempo e no espaço revelam uma cultura particular dos povos tradicionais dos territórios cerradeiros, com suas territorialidades transmitidas via comunidades e famílias e simbolizadas nos sabores, nos aromas, nas cores e singeleza, reproduzidas comumente nas lidas, nos causos e conversas do cotidiano. Este legado resistido, são as territorialidades construídas e fundamentalmente assumidas pelas gerações femininas, que nos contos e nos afazeres emanam para as gerações posteriores as histórias de vida e de experiências concretas nos campos cerradeiros.

A percepção de que as populações tradicionais têm uma convivência estreita com a natureza nestas áreas e o fato de que elas dispõem de saberes e interesses de manutenção da biodiversidade, da qual depende a sua sobrevivência, têm fortalecido a compreensão de que elas são sujeitos sociais importantes nas discussões e políticas que envolvem os cerrados (ALMEIDA, 2008, p. 323)

Desvendar as concepções que as mulheres têm sobre suas vidas sustentadas na labuta do dia a dia com a terra, implica a absorção das essências intrínsecas ao seu ser e suas experiências e territorialidades construídas. Pensar a mulher e a biodiversidade do bioma Cerrado é considerar que há um forte elo que os une, porque nos campos do Cerrado os hábitos corriqueiros nos afazeres retratam a imagem da mulher.

A natureza do Cerrado é dadivoso embora por tempos desprezado nos diferentes olhares, aqueles que conviveram e dele dependeram relatam e testemunham a sua biodiversidade e riquezas, reconhecendo a gratuidade que há nele e assim, os povos, especialmente as mulheres cerradeiras, possibilitam a sua conservação, pelo seu jeito simples de viver no cuidado e usufruto sustentável.

Os valores imateriais, fundamental na identidade e cultura cerradeira tem nas mulheres um acervo inegável, suas práticas nas crenças, nas área da saúde e da comunidade familiar,

nas necessidades diárias, vão tomando configurações que ficaram cravados na identidade das comunidades.

Diante destes aspectos, revelar o valor do sujeito invisibilizado e marginalizado pela sociedade patriarcal, é considerara possibilidade da retomada das práticas socioculturais e socioprodutivas, sustentadas no respeito à terra e à natureza, reforçando e valorizando os saberes e fazeres protagonizadas pelas mulheres cerradeiras.

Nas territorialidades construídas e materializadas nas identidades conquistadas, edificaram o lugar de pertencimento, na qual elaboram o sentido do viver no meio natural revelando na relação mulher-Cerrado uma história particularmente plural.

## **CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES**

Realizar uma revisitação aos imaginários que resistiram e que se concretizam na vida de mulheres que fazem da existência do Cerrado a sua sobrevivência e a sobrevivência de suas famílias, é (re)significar o bioma nos seus saberes, cultuando-o e conservando a sua biodiversidade.

É tocar um legado de experiências vivenciadas pelos sujeitos femininos nas suas lutas e na difusão das suas resistências, no seu olhar espalhado na convivência com o bioma. É contar uma história liberto das visões patriarcais onde este legado se apresenta como uma das estratégias de resistências dos povos cerradeiros, protagonizado pelas mulheres.

Ao projetar a importância que o Cerrado teve/tem para as gerações femininas, revelando os vínculos com a flora, fauna, solos e água, busca-se confirmar o importante papel da mulher cerradeira nas formas de resistir ao aniquilamento do ambiente sociocultural e ambiental do bioma.

Destaca-se assim a expectativa em desvendar o elo existente entre as cerradeiras e a ecologia do Cerrado, partilhado por alegrias e dissabores, vivenciado e escrito, suas histórias no tempo e no espaço, conquistando autonomias e visibilidades que factualmente lhes fora negado.

Conhecer o olhar feminino sobre a própria convivência com este bioma, liberto das visões patriarcais, que foram sempre focados nos sujeitos masculinos e em suas opiniões sobre questões familiares, sociais, políticos, econômicos, culturais e ambientais do bioma Cerrado, sem considerar ou possibilitar pontos de vista de um outro ângulo, o da perspectiva feminina. Insistir nesta travessia, instiga a embrenhar-se neste mundo pouco desvendado

apresentando esse legado como uma das estratégias de resistências dos povos cerradeiros, desta vez, protagonizadas pelas mulheres.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. Os **domínios de natureza** no Brasil: **potencialidades paisagísticas**. Ateliê Editorial: São Paulo, 2003.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Parte 5 - Territorialidades, representações do mundo vivido e modos de significar o mundo. Uma leitura etnogeográfica do Brasil sertanejo. In: SERPA, A., (Org.) **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações** [online]. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/bk/pdf/serpa-9788523211899-15.pdf> . Acesso: julho/2018.

BRASIL. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). **INPE divulga dados sobre o desmatamento do bioma Cerrado. São José dos Campos**. Disponível em:<http://www.obt.inpe.br/OBT/noticias/inpe-divulga-dados-sobre-o-desmatamento-do-bioma-cerrado> Acessado: setembro/2018.

BRASIL. **Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento e das Queimadas no Cerrado**. “Conservação e Desenvolvimento”. Brasília, 2010. Disponível em: [http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/ppc cerrado\\_outubro.pdf](http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/ppc cerrado_outubro.pdf)  
Acesso: julho/2018.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; CASTILHO, Denis. Cerrado: patrimônio genético, cultural e simbólico. In: **Revista Mirante**, vol. 2, n.1. Pires do Rio - GO: UEG, 2007. Disponível em: [https://laboter.iesa.ufg.br/up/214/o/Artigo\\_-\\_CERRADO.pdf](https://laboter.iesa.ufg.br/up/214/o/Artigo_-_CERRADO.pdf). Acesso em: 23/03/2013.

ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite. O protagonismo político de mulheres rurais por seu reconhecimento econômico e social. In: NEVES, D.; MEDEIROS, L. S. de (Orgs). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Alternativa. Niterói. 2013. Disponível em:  
[http://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/images/stories/biblioteca/educacao\\_ambiental/livro\\_mulheres\\_camponesas.pdf](http://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/images/stories/biblioteca/educacao_ambiental/livro_mulheres_camponesas.pdf) Acesso: Jan/2019.



FRANCO GARCÍA, María. A luta pela terra sob enfoque de gênero: os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema. 2004. 216 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/102966>>. Acessado: Out/2019.

GALEFFI, Dante. O rigor nas Pesquisas Qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. In: MACEDO, R. S.; GALEFFI, D.; PIMENTEL, A. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas**. EDUFBA. Salvador. 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/206/1/Um%20rigor%20outro.pdf>. Acessado: Abril de 2017.

HAESBAERT, Rogério. **Da Desterritorialização à Multiterritorialidade**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. USP. São Paulo. 2004. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Teoriaymetodo/Conceptuales/19.pdf>>. Acesso: março/2010.

KLINK, Carlos A.; MACHADO, Ricardo B. **A conservação do Cerrado brasileiro. Megadiversidade**. vol. 1, n. 1. Brasília. 2005. Disponível em: [http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Repositorio/Texto\\_Adicional\\_ConservacaoID-xNOKMLsupY.pdf](http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Repositorio/Texto_Adicional_ConservacaoID-xNOKMLsupY.pdf)  
Acesso: Junho/2018.

LITTLE, Paul E. **Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: Por uma Antropologia da Territorialidade**. Anuário Antropológico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004. Disponível em: [www.dan.unb.br/images/pdf/anuario\\_antropologico/.../2002-2003\\_paullittle.pdf](http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/.../2002-2003_paullittle.pdf)  
Acesso: Abril de 2018.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos**. 2.ed. São Paulo: Moraes, 1994.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. Complexidade do espaço agrário brasileiro: o agrohidronegócio e as (re)existências dos povos cerradeiros. **Terra Livre**. Ano 26, V.1, n. 34. São Paulo. 2010. Disponível em: <https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/318>  
Acesso: Abril/2018

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano**. 458 f. (Tese de doutorado), Presidente Prudente: UNESP, 2004

MENEZES, Marilda A.; GASPARETO, Sirlei A. K. As jovens do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) In: NEVES, D.; MEDEIROS, L. S. de (Orgs). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Alternativa. Niterói. 2013. Disponível em: [http://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/images/stories/biblioteca/educacao\\_ambiental/ivro\\_mulheres\\_camponesas.pdf](http://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/images/stories/biblioteca/educacao_ambiental/ivro_mulheres_camponesas.pdf) Acesso: Jan/2019.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **O Bioma Cerrado**. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/biomas/cerrado.html>. Acessado: Agosto/2019.

RAFFESTIN, Claude. O que é o Território? In: **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SAQUET, Marcos Aurélio. **As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade**. Geosul, v. 22, n. 43, Florianópolis, 2007.

Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/download/12646/11806>

Acesso em: março/2018

SAQUET, Marcos Aurelio; BRISKIEVICZ, Michele. **Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial**. Caderno Prudentino de Geografia, nº31, vol.1, 2009. Disponível em: <http://agbpp.dominiotemporario.com/doc/cpg31a-3.pdf> Acesso: Junho/2018

SOUZA, Edevaldo Aparecido. **Patrimônio Imaterial: relações socioculturais camponesas em Pedra Lisa**. Uberlândia: Composer, 2015.